



ANÁLISE PSICOLÓGICA DA PERSONAGEM “NINA” À LUZ DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Wilmar Roberto Gaião¹, Bárbara Vitória Pereira de Sousa², Maria Tereza Andrade de Farias Aires³, Luiza Almeida Freire⁴, Emily Souza Gaião e Albuquerque⁵

1 Universidade Estadual da Paraíba - Departamento de Psicologia Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB, CEP 58429-50. Email: wilmar_uepb@yahoo.com.br.

2 Universidade Estadual da Paraíba.

3 Universidade Estadual da Paraíba.

4 Universidade Estadual da Paraíba.

5 Universidade Estadual da Paraíba e Universidade Federal de Pernambuco.

RESUMO

O contexto familiar e social no qual cada sujeito se desenvolve implica diretamente na maneira como ele irá se enxergar e se portar diante do mundo. A partir disto, o presente artigo se propõe, com base na Teoria da Personalidade e da Dinâmica do Comportamento da Abordagem Centrada na Pessoa, proposta, por Carl Rogers, a realizar uma análise acerca do comportamento da personagem Nina Sayers (interpretada por Natalie Portman), do filme Cisne Negro. Esta jovem, uma bailarina devotada ao balé, se vê no desafio de representar além do Cisne Branco, inocente e gentil, o Cisne Negro, malicioso e sensual, no clássico O Lago dos Cisnes. Nina é considerada o Cisne Branco perfeito, de modo que seu caminho gira em torno de alcançar as características referentes ao Cisne Negro, e, para tal, a jovem tem que empoderar-se de suas capacidades de autodeterminação, o que vai se dando de forma muito dolorosa e angustiante, tendo em vista o relacionamento maternal abusivo que a cerca e a vulnerabilidade na qual está exposta devido a fragilidade de sua personalidade.

Palavras-chave: Psicologia; Humanismo; Teoria da Personalidade.

PSYCHOLOGICAL ANALYSIS OF THE CHARACTER “NINA” IN THE LIGHT OF PERSON-CENTERED APPROACH

ABSTRACT

The family and social context in which each one subject develop himself implies directly on the way that he will see and behave himself in front of the world. According that the present article proposes, based on the Theory of Personality and the Dynamics of Behavior of Person-Centered Approach, proposed by Carl Rogers, to realize an analysis from the Nina Sayers' character's behavior (interpreted by Natalie Portman), from de movie Black Swan. This young, a devoted ballerina, founds herself in the challenge to act, beyond the White Swan, innocent and kind, the Black Swan, malicious and sexy, in the classic Swan Lake. Nina is considered the perfect White



Swan, and her pursuit it is around to reach the referring features to the Black Swan, and, for this, she has to empower herself with her abilities of self-determination, what goes on in a painful and distressing way, in view of the abusive mother relationship that surrounds her and the vulnerability in which she is exposed due the fragility of her personality

Keywords: Psychology; Humanism; Personality Theory.

INTRODUÇÃO

O filme “Cisne Negro” ⁽¹⁾, lançado em 2010 pelo diretor americano Darren Aronofsky, trata-se de um drama e terror psicológico do qual a personagem principal é “Nina” – interpretada pela atriz Natalie Portman. A história gira em torno da bela e esforçada jovem que faz parte de uma grande companhia de balé clássico dos Estados Unidos. É, então, no intuito de fazer parte da nova produção de “O Lago dos Cisnes”, do compositor russo Tchaikovsky, que Nina se vê esperançosa em ser escolhida como a nova bailarina – cujo desempenho deverá ser em dobro, visto que deverá interpretar o Cisne Branco (inocente e frágil), bem como o Cisne Negro (malicioso e sensual). No entanto, a personagem em questão encontra uma possível concorrente (Lily - interpretada pela atriz Mila Kunis) e tal pressão acabará por lhe retirar o senso da realidade, colocando-a num verdadeiro pesadelo.

“Nina” é uma mulher de 28 anos que mora com a mãe e que a trata, ainda, como uma adolescente. Sua personalidade é de uma jovem frágil, doce e, ao que parece, também vulnerável. É, ainda, altamente exigente consigo. Exige-se que seja uma bailarina perfeita, ensaia diversas horas na companhia de balé e em casa. Não tem amigas e não se diverte, apenas treina e foca em seus ensaios diariamente. Além disso, sua mãe Erica (Barbara Hershey), no decorrer da trama, apresenta-se como uma pessoa extremamente controladora e superprotetora. Erica lhe retira a privacidade, sua liberdade e se utiliza desse lugar de autoridade e importância, muitas vezes de forma manipulatória, para direcionar a filha a fazer, agir e pensar conforme as intenções da mãe.

É em cima desta produção cinematográfica que o presente trabalho se propõe a realizar uma análise da personagem principal, Nina Sayers, baseada nas ideias rogerianas observadas na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) e na sua Teoria da Personalidade e da Dinâmica do Comportamento. Segundo essa abordagem, a personalidade de um indivíduo é influenciada pelas contingências ambientais, de



modo que uma personalidade em funcionamento ótimo é aquela em que se tem confiança nas experiências vividas.

Desta forma, como afirmado, almejamos relacionar os comportamentos, as características psicológicas e a constituição da personalidade da personagem a partir das teorias supracitadas, buscando, portanto, compreender sua formação como sujeito levando em consideração o contexto no qual está inserida, tendo em vista que, para Rogers, o indivíduo vai se constituindo com base nos relacionamentos que o cercam.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Abordagem Centrada na Pessoa é uma abordagem psicoterapêutica desenvolvida por Carl Rogers e seus colaboradores. Ele buscava refletir sobre a saúde mental, bem como inferir acerca do seguinte questionamento: Como ser centrado em si mesmo se estivermos centrados no outro? Dessa forma, segundo ele, o indivíduo deveria ouvir a si mesmo e abrir mão do “poder” que o outro pode exercer sobre ele, ou seja, o sujeito precisaria se apossar da própria vida. Essa abordagem está, então, delineada pela Teoria da Personalidade, Teoria do Funcionamento Ótimo, Teoria da Psicoterapia e Teoria das Relações Humanas, numa perspectiva adequada à matriz epistemológica coerente com as perspectivas fenomenológica, existencialista e humanista. No estudo das matrizes epistemológicas das diversas correntes da Psicologia, percebe-se o enquadre da abordagem rogeriana dentro de tais condições de possibilidade de conhecimento, traçados pelos procedimentos analíticos dessas matrizes filosóficas⁽²⁻³⁾. Para ter uma melhor compreensão desses estudos elaborados por Rogers dentro dessa linhagem epistêmica, cabe descrever, a seguir, alguns pontos relevantes de sua teoria.

Concernente à essência desta abordagem, sua ideia mestra refere-se à capacidade do indivíduo, melhor explicitada no enunciado seguinte: “o ser humano tem a capacidade, latente ou manifesta, de compreender-se a si mesmo e de resolver seus problemas de modo suficiente para alcançar a satisfação e eficácia necessárias ao funcionamento adequado”^(4:39), sendo acrescida à esta capacidade, uma tendência de exercê-la. Tais concepções são entendidas como inatas ao ser humano, e o desenvolvimento eficaz destas potencialidades requerem um contexto de “relações desprovidas de ameaça ou de desafio à concepção que o sujeito faz de si mesmo”^(4:40).

A capacidade supracitada também pode ser chamada de tendência à atualização do organismo, esta “visa constantemente desenvolver as potencialidades



do indivíduo para assegurar sua conservação e seu enriquecimento, levando-se em conta as possibilidades e os limites do meio^(4:41). Para uma melhor compreensão, podemos sugerir que a atualização do sujeito esteja relacionada com a resiliência, ou seja, com as condições que auxiliem o indivíduo na adaptação às mudanças.

Outro conceito relevante nesta psicoterapia é o de não-diretividade. Nele, o sujeito é compreendido como um ser capaz e que pode, assim, chegar ao conhecimento pessoal de modo autônomo. Tendo isso em vista, a ideia de não-diretividade seria o não exercício de julgamento de valores por parte do terapeuta, considerando, como afirmado, esta capacidade do cliente em solucionar suas próprias questões⁽⁴⁾.

A questão da não-diretividade, por sua vez, ficou muito arraigada e rotulada à ACP de Rogers a ponto de alguns estudiosos, na época em que ela surgiu, pensarem que a ideia principal da abordagem rogeriana fosse, de fato, a questão da não-diretividade. Mas sendo esse termo utilizado para designar a postura do terapeuta frente ao cliente, e sendo essa postura a de não emissão de juízo de valor do primeiro frente às colocações e exposições do segundo, a não-diretividade consiste em uma consequência de sua abordagem ser centrada na pessoa⁽⁴⁾.

Trata-se de dois conceitos centrais para a teoria rogeriana, tanto assim que vão estar presentes nos principais compêndios de psicologia que tratam das diversas abordagens psicológicas. Destaca-se o conceito de tendência à atualização como uma característica básica da natureza do ser humano, fazendo o mesmo destaque em relação ao conceito de não-diretividade⁽⁵⁾. Alguns autores indicam que o conceito de autoatualização rogeriano vai ser central para toda a sua teoria, numa “convicção de que o paciente tem uma estrutura do eu que ele próprio deve mudar para que ocorra uma melhora”^(6:528), e que por isso mesmo, a terapia não-diretiva vai estabelecer condições para que o paciente possa aceitar suas próprias experiências. Hall e Lindzey⁽⁷⁾, na obra clássica sobre as escolas psicológicas e suas teorias da personalidade, quando tratam da teoria rogeriana, evidenciam o inicialmente o conceito de não diretividade da abordagem de Rogers dentro da sua teoria da personalidade, como uma condição ideal para que a terapia possa ser realizada. A seguir, citando o próprio Rogers, os autores apontam para o conceito de autoatualização, destacando a capacidade organísmica dessa tendência: “o organismo uma só tendência e um esforço básico – realizar-se, manter-se e desenvolver-se”^(7:524). Finalmente, encontra-se, num artigo escrito pelo próprio Rogers & Wood em 1978 e



publicado em um livro organizado por Burton⁽⁸⁾, o destaque em relação ao conceito de autoatualização, ao afirmar “a crença nas responsabilidades do cliente e na sua capacidade de prever que passos o levarão a um confronto mais decisivo com a sua realidade” e de que ele “é o único que tem a potencialidade de saber a totalidade da dinâmica de seu comportamento e das suas percepções da realidade e, dessa forma, de descobrir comportamentos mais apropriados para si”^(8:193). Estão contidos aí, tanto a convicção dos autores na tendência autoatualizadora do indivíduo, como também na importância da não-diretividade que acabam por concluir num trecho mais adiante: “a terapia centrada no cliente é melhor caracterizada como uma abordagem, uma atitude, uma maneira de ser, e não como uma técnica”^(8:194).

A partir do exposto, percebe-se que os conceitos em questão possibilitam que a psicoterapia ocorra no tempo e dentro dos limites e das possibilidades não do terapeuta, mas do cliente, respeitando e recebendo com acolhimento o que quer que seja exposto por este. Essa ideia tem, portanto, um viés bastante positivo e acolhedor por parte do terapeuta uma vez que este não interrompe as exposições feitas pelo cliente para suggestionar algo ou julgá-las. E tal posicionamento se dá justamente porque o terapeuta vê o cliente como um ser humano completo, ou seja, como um sujeito que apresenta além de suas qualidades, conflitos psíquicos de origem interpessoal e capacidade para ele próprio resolvê-los, e não como uma pessoa passiva perante a própria vida.

A não-diretividade contribui para o cliente colocar-se como sendo fator principal e pessoa-critério da psicoterapia e da própria vida, e não o terapeuta. É nesse sentido que conforme afirmam Rogers e Kinget^(9:9) “o terapeuta deve se esforçar tão plenamente quanto possível, em se conduzir como pessoa – não como especialista” É por tal razão, inclusive, que Rogers trata as pessoas como “clientes” e não como “pacientes”, para justamente evitar o viés patológico que estava presente na relação “terapeuta *versus* paciente” em outras abordagens e teorias, além de aproximar a posição do terapeuta à posição do cliente para que a terapia siga um fluxo no qual não exista uma hierarquia (detentor do conhecimento *versus* sujeito em conflito), o que, na concepção dele, facilita o processo de tomada de consciência e de conquista de autonomia do cliente. Semelhantemente ocorre às noções de “tratamento”, “enfermidade” e “cura”, também considerados termos pertencentes ao vocabulário biológico, médico e patológico^(4:26). Ainda que a ACP não exclua a existência de



elementos de ordem bioquímica no sujeito, considera que pela medicina estes devem ser tratados.

A tomada de consciência da experiência pessoal do sujeito deve servir de guia e de critério ao processo de reorganização de suas atitudes e à conduta ulterior de sua vida. Nesse sentido, a liberdade experiencial que bem como a palavra sugere, está relacionada às experiências de vida, seja de sentimentos ou vivências.

A partir das concepções propostas por Rogers, depreende-se que sendo o sujeito o único que experiencia determinado momento da vida, só (e somente só) ele é quem tem propriedade para significá-lo. E para que o sujeito signifique verdadeiramente, e simbolize - tome consciência - a experiência de forma adequada, ele deve ser sua própria pessoa-critério para o bom funcionamento do seu organismo (seja físico, seja mental), e não os que estão ao seu redor. O sujeito deve sentir-se livre para vivenciar e elaborar suas experiências. Rogers^(4:46), então, explica: "...supõe que o indivíduo não se sinta obrigado a negar ou a deformar suas opiniões e atitudes íntimas para manter a afeição ou o apreço das pessoas importantes para ele".

A partir dos conceitos expostos, pode-se, então, discorrer acerca da Teoria da Personalidade e da Dinâmica do Comportamento. Nesta, o autor postulou que na fase da infância, o sujeito teria a concepção de que sua experiência seria sua realidade, ou seja, a criança entende sua experiência de forma literal. E a partir disso, considera que a criança tenderia a buscar experiências mais positivas (consideradas como favoráveis à atualização do eu, o que, por sua vez, já é uma capacidade inata do ser humano) e evitaria as experiências negativas (consideradas como prejudiciais à preservação e valorização do eu)⁽⁴⁾.

Segundo as experiências adquiridas no meio social e no desenvolvimento do indivíduo, uma parte é simbolizada na consciência, o que corresponde à consciência de existir, descrita como experiência do eu - as experiências simbolizadas são aquelas que o sujeito se dá conta atualmente e que podem ser facilmente recuperadas. A consciência de existir, gradativamente, desenvolve-se, crescendo e se organizando, para formar a noção do "eu"⁽⁴⁾. A conscientização da existência é, então, formada e percebida pelo sujeito.

Com o desenvolvimento da noção do eu, desenvolve-se a necessidade de consideração positiva, e, para satisfazê-la, o sujeito se baseia no campo das experiências que são relativas ao outro. Nesse processo, vale ressaltar a importância do que Rogers⁽⁴⁾ chama de pessoa-critério, que é aquele "outro" consideravelmente



importante para o sujeito em questão, a tal ponto que a consideração positiva vinda de pessoas critério pode se tornar uma diretriz mais intensa do que o processo de avaliação que o sujeito faz de si próprio, baseado na sua tendência a atualização (denominado avaliação organísmica).

Desta forma, o julgamento das experiências que o sujeito tem, por parte de determinadas pessoas-critério, pode tornar seletiva a consideração positiva do indivíduo com relação a si. E quando uma experiência é procurada ou evitada por ser percebida como digna ou não de consideração de si, diz-se que o sujeito adquiriu um modo de avaliação condicional⁽⁴⁾.

A partir do momento em que a avaliação de sua experiência é condicional, a noção do eu comporta os elementos deformados que não representam corretamente a experiência. Da mesma forma, a experiência comporta os elementos que não são incorporados à noção do eu. Portanto, o indivíduo não é mais capaz de funcionar como uma pessoa perfeitamente integrada e unificada^(4:201).

Dentro deste modo de avaliação condicional, as experiências que concordam com tais condições são percebidas e simbolizadas corretamente, enquanto que as experiências que discordam são percebidas de maneira seletiva (sendo deformadas ou interceptadas). Tal percepção seletiva estabelece uma incongruência entre o eu e a experiência. Desta forma, a personalidade do sujeito encontra-se dividida, sendo refletida através de conflitos comportamentais⁽⁴⁾.

Como as experiências que não estão de acordo com a estrutura do eu - o que é definido com base na consideração positiva das experiências - são consideradas ameaçadoras, aparece, então neste cenário, o processo de defesa. Este consiste justamente na “percepção seletiva, na deformação da experiência e/ou na interceptação parcial ou total de certas experiências. (...) As consequências gerais desse processo incluem rigidez perceptual, causada pela necessidade de deformar certos dados da experiência; simbolização incorreta, causada pela deformação e pela omissão de certos dados; ausência de discriminação ou discriminação perceptual insuficiente”^(4:202-203).

A noção de comportamento defensivo abrangeria, pois as noções de racionalização, de compensação, de projeção, de fobias, etc., assim como certos comportamentos geralmente classificados como psicóticos, tais como as atitudes e comportamentos paranóicos e mesmo certos comportamentos catatônicos^(4:203).



Para que o processo de defesa possa ser destruído é preciso que o indivíduo avalie sua experiência de modo menos condicional e que o nível de consideração positiva incondicional de si se eleve. A consideração positiva incondicional dada ao cliente por uma pessoa critério precisa ocorrer através da compreensão empática (no processo terapêutico, por exemplo, como o cliente geralmente encontra-se numa condição fragilizada e passível de sugestão, pode acabar colocando o psicoterapeuta nesse lugar). Quando isto ocorre e é percebido pelo indivíduo, há uma redução (ou abolição) das condições que afetam sua função de avaliação e um aumento da consideração positiva incondicional de si. Desta forma, a angústia diminui e o estado necessário do sujeito para a reintegração se estabelece. Consequentemente, o acordo entre o eu e a experiência aumenta, e a personalidade, gradativamente, se restabelece^(4:206).

Em contrapartida, o que se presume da Teoria do Funcionamento Ótimo da Personalidade é que ela seja equivalente à noção de “adaptação psicológica perfeita, de maturidade ótima, de acordo interno completo, de abertura total à experiência e de discriminação perceptual perfeita”^(4:212). Sendo assim, Carl Rogers^(4:212) completa que “a personalidade que funciona plenamente é uma personalidade em contínuo estado de fluxo, uma personalidade constantemente mutável, cujos comportamentos específicos não se prestam à predição”. Porém, vale ressaltar que o autor reconhece que esse sujeito de funcionamento ótimo não existe na realidade, mas que é preciso ser abordado para explicar a perspectiva da sua teoria, bem como dos objetivos da ACP, dentre os quais está a promoção da autonomia e autodeterminação do sujeito, tendo em vista sua capacidade inata para tal. Essa capacidade inata que, conforme afirma o próprio Rogers^(9:43) possibilita o “crescimento, desenvolvimento, a maturidade, um melhor funcionamento e uma maior capacidade de enfrentar a vida”, é uma capacidade organísmica, o que faz com que o indivíduo desde o período mais tenro de sua vida infantil, possa selecionar “experiências que efetivam o seu organismo, e rejeita as que não servem para essa finalidade”^(10:15). Rogers⁽⁴⁾ possuía uma visão bastante positiva em relação ao ser humano, acreditando que a capacidade de autorregulação do sujeito o direciona constantemente para o crescimento pessoal e para a maturidade.

Faz-se improvável, portanto, para Rogers⁽⁴⁾, a ideia do pleno funcionamento ótimo do sujeito uma vez que, para tal, seria preciso que todos os termos da ACP supracitados estivessem em perfeito funcionamento: haja vista que todos estão



correlacionados, de modo que, havendo desajuste em um, haverá no restante - por isso, tal funcionamento mostra-se consideravelmente incerto de acontecer, tendo em vista que, como citado, Rogers enxerga o cliente através de uma visão macro, ou seja, enxerga-o como sendo um sujeito repleto de virtudes mas também de conflitos psíquicos de origem interpessoal.

A Abordagem Centrada na Pessoa, possui, assim, uma visão do Homem como um sujeito essencialmente livre e com capacidades de reagir às situações que constroem sua autodeterminação e que tentam abafar a sua individualidade, prendendo-o a esquemas rígidos de comportamento e de pensamento, de maneira que acabe por contribuir para que sua evolução e crescimento pessoal sejam restringidos. Essa abordagem surge, então, como meio que visa possibilitar a criação de condições interpessoais satisfatórias à dissolução dos eventuais empecilhos que dificultam a livre expressão das potencialidades do sujeito.

Tendo isso em vista, o presente artigo objetiva a realizar uma análise acerca do comportamento da personagem Nina Sayers, interpretada por Natalie Portman, no filme *Cisne Negro*. Para tal, o mesmo terá como base a Teoria da Personalidade e da Dinâmica do Comportamento da Abordagem Centrada na Pessoa, proposta, por Carl Rogers.

DISCUSSÃO

No que concerne à personagem Nina Sayers, a partir do exposto, faz-se necessário explicar e discutir acerca do ambiente no qual ela cresceu e ainda convivia. Sua mãe, Erica, ao engravidar de Nina, teve que abandonar o balé, o que o fez com grande pesar. A frustração de não ter dado continuidade a carreira é transferida de forma compensatória para Nina, que, rigorosamente, faz parte de uma companhia de balé. O pai de Nina em nenhum momento é citado durante todo o filme, o que reforça a predominância da autoridade maternal, tornando Erica uma pessoa-critério fundamental para a jovem.

Erica, por sua vez, representa, claramente, um exímio exemplo de como suprimir a liberdade experiencial de uma pessoa, pois, de forma até manipulatória, ela se utiliza desse lugar para fazer com que sua filha se torne o que ela não pode ser. E, além disso, o faz de forma a direcionar todo o comportamento de Nina dentro desse processo. Isto pode ser observado na cena em que, ao ganhar o papel principal em *O Lago dos Cisnes*, Nina chega em casa e Erica apresenta-lhe um bolo em



comemoração à conquista, e, ao recusar, sua mãe ameaça jogar todo o bolo no lixo, então, Nina come uma fatia claramente contra sua vontade. Aqui podemos observar a supressão da liberdade de Nina em poder escolher não comer o bolo - o que lhe causaria bem-estar -, de modo que a necessidade de consideração positiva de si, advinda da mãe, é reforçada, tendo em vista que ela só o come para agradar a mãe.

Ainda dentro desta relação conturbada, percebe-se que Erica infantiliza muito a filha, uma jovem adulta de 28 anos que possui um quarto caracteristicamente infantil, sendo este rosa e repleto de ursos de pelúcia. Além de possuir o costume de pentear o cabelo da filha, colocá-la para dormir, cortar suas unhas, regular seus horários, além de não permitir que o quarto da jovem possua trancas. Tais condutas são expressamente relacionadas a um tratamento dado a uma criança, na qual supõe-se que necessita desse auxílio parental. Este comportamento por parte da mãe suprime as possibilidades de construção de uma identidade autêntica e madura por parte da filha, pois é como se Nina estivesse constantemente em um ambiente controlado que reflete e retroalimenta sua infância.

Desta forma, percebe-se que a pessoa que mais interfere e compromete o desenvolvimento saudável da personalidade de Nina, é a sua própria mãe. Em um relacionamento abusivo e controlador, Erica suspende considerável parte da liberdade experiencial de Nina, comprometendo, conseqüentemente, sua noção do eu, ocasionando-lhe uma avaliação condicional de si. Tudo isto, por sua vez, acarreta em incongruências comportamentais, tendo em vista que “é a imagem do eu que guia a conduta, não é surpreendente que ele se ponha, finalmente, a agir de acordo com essa ideia”^(4:65)

Assim, tendo em vista que há uma incongruência entre a noção do eu de Nina e as experiências por ela vivenciadas, percebe-se um caos interno na personagem, de modo que, por vezes, suas ações são regidas pela noção (distorcida) que tem de si própria e outrora pelas exigências do seu organismo, levando Nina a fazer o que não quer em algumas situações, como comer bolo apenas para agradar a mãe, e, em outras, deixar de fazer o que realmente desejaria fazer. Temos, então, que “como resultado o comportamento parece incompreensível e a personalidade fica desequilibrada”^(4:169).

Esse estado elevado de incongruência leva o sujeito a uma maior potencialidade de ameaça a noção do eu, que, para a ACP, ocorre quando o sujeito percebe muito vagamente o desacordo entre o eu e a experiência. Como uma forma de preservar a



noção do eu e de reagir frente ao sentimento de ameaça, seu organismo utiliza-se de defesa uma vez que “a defesa representa uma oposição a toda mudança suscetível de atenuar ou de desvalorizar a estrutura do eu”^(4:171).

Quando uma experiência é vagamente percebida - ou é percebida em um nível subliminar - como não estando conforme a ideia do eu, o “organismo” se defende. Reage, deformando ou falsificando o significado desta experiência de modo a torná-la de acordo com o eu. Ou então, nega a experiência a fim de afastar toda a ameaça à estrutura do eu^(4:171).

Portanto, percebe-se que, como defesa do organismo para preservar a estrutura do “eu” que Nina tem de si, ela começa a alucinar, ou seja, a distorcer as experiências da realidade adequando-as à sua noção do eu. Enquanto mecanismo de defesa, a alucinação ocorre para evitar o aumento do nível de desorganização psíquica que poderia ocorrer caso a personagem percebesse a incongruência que vivenciava e se deparasse com a realidade concreta dos acontecimentos e experiências.

Além disso, a infantilização citada anteriormente sugere que Erica, além de projetar a compensação de sua frustração na filha, criou uma certa idealização de amabilidade e pureza em torno de Nina, atributos geralmente associados a crianças. Esta se identifica de tal forma que além de se submeter a relação, quando se vê desafiada a representar o Cisne Negro, malicioso e sensual, sente-se confusa e frequentemente perturbada, pois, nessa busca, Nina encontra o caminho tendo que lidar com questões sexuais e de sedução. Isto pode ser observado na cena em que, procurando meios de ajudar Nina a “conquistar” o Cisne Negro, Thomas a estimula a se masturbar, e ao atender a tal instrução, Nina se depara com a mãe dormindo em seu quarto, e, imediatamente, para a ação de forma assustada. Percebe-se, portanto, a figura da mãe sempre presente, atravessando ou interferindo, na sua liberdade experiencial, o que ao mesmo tempo, é reforçado pela necessidade de consideração positiva manifestada por Nina.

Curiosamente, a idealização que Erica fez e que contribuiu para a construção da personalidade da filha coincide com as características necessárias para o desempenho do Cisne Branco, tanto que Thomas afirma que Nina o faz com perfeição. Fica o questionamento, no entanto, se Nina realmente se identificava com os traços de amabilidade e pureza idealizados pela mãe (o que fez com que Nina representasse facilmente o Cisne Branco) ou se ela simplesmente assumiu tal idealização como uma verdade para e sobre si e, por tal razão, tardou tanto a



questionar-se sobre quem ela realmente era e a tomar como opinião principal não a dos outros mas a sua própria, a partir de um processo de construção desta baseada em suas próprias experiências. A oportunidade de interpretar as duas personagens na trama do balé surge, então, como o rompimento de um ciclo: para que ela execute o papel malicioso com a perfeição que executa o papel ingênuo, é preciso que a identificação com relação ao Cisne Branco ceda o lugar para a maestria exigida também pelo Cisne Negro.

Esse processo de transformação da sua própria noção do eu, para que Nina consiga interpretar o Cisne Negro também de forma satisfatória, mostra-se árduo, conflituoso e extremamente angustiante. Além disso, Nina possui influência de Thomas e Lily, professor de balé e concorrente de Nina às execuções do papel principal, respectivamente, além da ativação do seu mecanismo de defesa, haja vista que ela começa a, dentro da sua percepção seletiva já instaurada, ter alucinações. O desafio de interpretar o Cisne Negro apresenta-se, então, como uma oportunidade, ainda que extremamente angustiante, para Nina romper com esse ciclo abusivo de dependência e, conseqüente, não autenticidade.

Por mais que os incentivos percebidos por Nina não fossem salutares, pois causavam-lhe muito sofrimento, ela se submete ao processo de busca do Cisne Negro, seja como uma forma de ser sujeito ativo na construção de sua história ou como resposta a mais uma convocação externa na qual (assim como ao longo de seu relacionamento familiar) não conseguira negar, sabendo que o balé representa considerável espaço em sua vida.

Nina começa a dar ouvidos para outras sugestões (reafirmando, assim, sua insegurança) de forma que dificilmente se vê uma decisão autêntica de sua parte. Ao conhecer Lily, deixa-se influenciar por ela, rompendo com o comportamento disciplinado instaurado por sua mãe. Nina considera a opinião de Thomas ao dizer que Lily representaria muito bem o Cisne Negro, e, por isto, busca em Lily as características que precisa para sua personagem. A sensualidade e a sedução, gradativamente, vão se incorporando personalidade de Nina, ao passo que a jovem pura e ingênua vai cedendo lugar para essas características que antes desconhecia. Podemos observar isso na cena em que Nina alucina tendo relações sexuais com Lily, e no rosto desta, enxerga o seu próprio, como se estivesse alcançando em si as características que almejava em Lily. Além dos momentos pontuais em que tem encontros com Thomas, nos quais eles se beijam e trocam carícias intensas, de forma



que ele sugestiona para ela e com ela, através da sedução, o que o Cisne Negro precisa fazer com o público. Nessa desconstrução, Nina joga fora seus ursos de pelúcia, simbolizando mais uma tentativa de desprendimento com a infantilidade na qual está submergida.

Ao chegar o grande dia da apresentação de O Lago dos Cisnes, Nina tem um surto no qual sua mãe a prende no quarto, impedindo-a, por um momento, de se apresentar. Nina, por sua vez, alterada psicologicamente devido às alucinações, empoderada por suas experiências e anseio de finalizar este ciclo, discute com sua mãe como nunca antes. Este momento pode significar o ápice no processo de rompimento da dependência criada entre elas, essencialmente, por Erica.

Ao passo que o relacionamento entre mãe e filha vai sendo modificado pelas novas posturas de Nina frente às atitudes limitadoras de sua mãe, Erica tenta, sem muito êxito, controlar mais ainda a filha. Quando percebe que sua autoridade não consegue mais exercer tanta influência como outrora em sua vida, ela, aparentemente entra numa crise existencial uma vez que, assim como Nina tinha, no começo do trama, sua mãe como a principal pessoa-critério de sua vida, ela também tinha sua filha como pessoa-critério. Ver sua filha, que antes era bastante comportada e respeitosa para com ela, numa posição de enfrentamento, torna-se uma situação devastadora e angustiante para Erica, pois enxergar a filha como uma mulher adulta e não mais como uma criança que precisa do seu constante auxílio para trilhar um caminho, faz com que ela perca o sentido e a motivação da própria vida (para reforçar tal apontamento, vale lembrar que com o nascimento de Nina, ela largou tudo para dedicar-se única e exclusivamente à filha, esquecendo, ou até anulando, o fato de que ela própria possuía uma vida, com desejos, anseios e conflitos para dedicar-se também). Erica encontra-se, portanto, também em conflito com a sua noção do eu.

A demasiada expectativa que as pessoas depositavam em Nina, tanto em casa quanto no balé, reforçava-lhe uma considerável autocobrança (tendo em vista que sua necessidade de consideração positiva, muito associada ao campo do outro, tornou seletiva sua percepção), o que gerou na jovem uma tensão contínua, de forma que, por mais que vivenciasse os momentos que lhe eram ofertados, ela não conseguia fazê-los em sua plenitude. Isto, por sua vez, era acentuado com o seu comportamento de comparação (seja com o desempenho de Lily ou da bailarina então aposentada, Beth, por exemplo) e de constante desafio de suas próprias capacidades



(consequência devido às dificuldades de desenvolvimento da segurança de si durante seu amadurecimento), refletido nos incessantes ensaios.

Ao dançar como Cisne Branco, ocorre que Nina cai do palco, e, ao terminar a cena, corre para o seu camarim aos prantos para se aprontar para sua última atuação como Cisne Negro: ela não havia tido uma apresentação satisfatória e sentia a necessidade de, de alguma forma, compensar seu “fracasso” na apresentação anterior (tendo em vista que almejava sempre a perfeição nos papéis) realizado através de uma performance deslumbrante de Cisne Negro. Em seu camarim, depara-se com Lily vestida de Cisne Negro, e em dado momento alucina vendo “outra Nina”, podendo significar o conflito com ela própria. A jovem então, em um acesso de raiva, joga-a contra o espelho do camarim, e enfia-lhe um caco de vidro na barriga (agora vendo Lily), matando-a. Em seguida, assustada, esconde o cadáver no banheiro e se apronta.

Na sua performance como Cisne Negro no palco, Nina alucina mais uma vez, seus olhos ficam vermelhos e seus braços se transformam em asas negras. Em uma atuação sublime, Nina executa os passos e é aclamada pelo público. Ao terminar, beija Thomas como em um sinal de resposta à sedução que lhe fora proposta. Nesse momento, mais parece que ela tinha como objetivo executar os papéis da trama com precisão não para provar para si mesma de que ela era capaz de realizá-los, mas para provar aos outros - e em um ato, talvez até inconsciente, ela deposita demasiadamente, mais uma vez, a necessidade de consideração positiva de si em terceiros.

Ao retornar para seu camarim, para se aprontar para a última cena, agora como Cisne Branco, no caminho Nina encontra Lily sorrindo e já não distingue mais as suas percepções da realidade. Não há nenhum cadáver em seu banheiro, mas seu espelho está quebrado. É então que Nina percebe que o corpo ensanguentado é o seu. Percebe-se, nesse momento, a tamanha rigidez perceptiva que a domina como um mecanismo de autodefesa: ela só chega a ter uma percepção real de que ela própria havia se cortado, distinguindo tal fato da ideia ilusória de que havia matado Lily, quando finaliza, perfeitamente, a atuação como Cisne Negro, tão desejada por ela e por aqueles que a cercavam.

Ainda que estivesse em tais condições, ela se apronta para executar o ato final. Ao final deste, o Cisne Branco, ao subir em uma elevação, joga-se em cima de um colchão escondido, representando a morte do cisne. Ao término, ainda sobre o



colchão, vai ser congratulada pelos demais bailarinos e por Thomas, que veem crescer em sua barriga uma mancha de sangue. É, então, que Nina profere a frase “*I felt i. Perfect. I was perfect.*” (“*Eu senti. Perfeito. Eu fui perfeita.*”), considerando finalizada com maestria sua atuação. A tela escurece e não se tem certeza se Nina, de fato, morreu. Porém, sabe-se que ela passa por um longo processo autodestrutivo em busca de, não se sabe ao certo, se encontrar de forma autônoma enquanto Cisne Negro, ou apenas responder a mais um papel que lhe é colocado ao longo do teatro de sua vida. Todavia, concernente à atuação, ainda que sem conseguir distinguir a separação existente entre o que era real e o que era ilusório, em um final de atuação sublime, consuma-o com perfeição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o exposto, percebe-se que as relações sociais são fundamentais para o desenvolvimento de cada sujeito. Porém, para que esse processo ocorra de forma saudável, faz-se necessário que a liberdade experiencial de cada indivíduo, que é o que contribui na formação de noção do eu (o que direciona o comportamento do sujeito), não seja suprimida por outrem. O acolhimento e a não emissão de juízo de valor que perpassam a teoria rogeriana, se assemelham, muitas vezes, a uma ética interpessoal, que respeita e acredita no sujeito como um indivíduo dotado de capacidades criativas e adaptativas cuja supressão causa-lhe acentuados danos psíquicos e fere-lhe profundamente a existência. Nesse sentido, para que um sujeito funcione da melhor forma possível, ou seja, em harmonia, é preciso não só de pessoas respeitadas e acolhedoras, mas também de ambientes que favoreçam tais posicionamentos e o consequente bom funcionamento da tendência atualizante do sujeito, uma vez que é através dele que o indivíduo se direciona para o crescimento e para o amadurecimento pessoais.

REFERÊNCIAS

- ⁽¹⁾ Cisne Negro [filme]. Direção: Darren Aronofsky. Los Angeles: Phoenix Pictures; 2010.
- ⁽²⁾ Figueiredo, LCM. Matrizes do pensamento psicológico. Petrópolis: Vozes; 1991.
- ⁽³⁾ Bezerra, ME, Bezerra, EM. Aspectos humanistas, existenciais e fenomenológicos presentes na abordagem centrada na pessoa. Rev. NUFEN [online]. 2012; 4(2).
- ⁽⁴⁾ Rogers, CR.; Kinget, GM. Psicoterapia e Relações Humanas: Teoria e Prática da Terapia Não-diretiva. 2ªed. Belo Horizonte: Interlivros; 1977. Vol(1)
- ⁽⁵⁾ Fadiman, J, Frager, R. Teorias da Personalidade. São Paulo: Harper & Row do Brasil; 1979.



- ⁽⁶⁾Marx, MH, Hillix, WA. Sistemas e Teorias em Psicologia. São Paulo: Editora Cultrix; 1993.
- ⁽⁷⁾Hall, CS, Lindzey, G. Teorias da Personalidade, 4^aed. São Paulo: EPU, 1973
- ⁽⁸⁾Burton, A. Teorias operacionais da personalidade. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda; 1973.
- ⁽⁹⁾Rogers, CR, Kinget, GM. Psicoterapia e Relações Humanas: Teoria e Prática da Terapia Não-diretiva. 2^aed. Belo Horizonte: Interlivros; 1977. Vol(2)
- ⁽⁹⁾Rogers, CR. Tornar-se Pessoa, 6^aed. São Paulo: Martins Fontes; 1982.
- ⁽¹⁰⁾Rogers, CR. De pessoa para pessoa: o problema do ser humano, 4^aed. São Paulo: Pioneira; 1991.